Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 20
ASSIGNATURAS
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º ANNO

SAN MORAL

Lamentavamos nós, no nosso penultimo artigo, a suprema covardia dos que fogem de atacar de frente a mentira, de repellir altivamente o falso preconceito, dos que curvam a cabeça com receio das criticas e das censuras d'um convencionalismo torpe.

Na verdade, esse mal é o mais profundo, o mais prejudicial, o mais nefasto na vida d'um povo, e Portugal, onde tudo é falso, onde tudo é imitação, e a imitação cahe sempre em exaggeros pelintras, enferma d'elle mais que nenhum outro.

Vemol-o, entre muitas coisas, no duello. O duello nada prova, senão covardia. Um sujeito vae para o campo da honra a tremor ou contra os dictames da sua consciencia. Mas vae, porque tem medo das censuras do convencionalismo com que vive. O convencionalismo pelintra, que o cerca, acha nobre o combate singular, que se chama duello; considera-o uma nota indispensavel de bom tom e o *pandigozinho*, que tem brio, vae para o campo da honra como vitello tirado da teta da mãe, afflicto, agoniado, enfiado, puxando para traz a quatro pés, mas vae porque o brio o incita, porque o convencionalismo o empurra, n'uma lucha cruel, n'um combate medonho entre o medo de qualquer arranhadura—que em Portugal não ha motivos para ter medo de mais—que o adversario lhe possa fazer, e a subordinação á critica leve de todos os imbecis com quem lida. Se é mais homem, o medo da arranhadura desaparece, ou não é tanto, mas permanece então o aborrecimento, o tédio de quem vae com a plena consciencia da falsidade do acto a praticar, de quem tem uma voz intima a dizer-lhe que a verdadeira covardia é ir e não ficar.

E são aquelles os valentes! Covardes, vis covardes! Covardes, que recuam deante da hypocrisia e da mentira. Covar-

des, que não tem coragem para arrumar um pontapé no torpe convencionalismo que os cerca, proclamando altivamente, dignamente a verdade. Covardes, que não tentarão o minimo esforço para auxiliar o seu proximo se esse auxilio constituir um perigo, por minimo que seja.

Foram esses covardes que correram a murro, a pontapé e a bengalada as tristes mulheres e creanças que lhes embaraçavam o caminho da fuga, em Paris, no bazar de caridade em chammas! São esses covardes que deixam agonisar este paiz pelo indigno receio de manter, de espingarda em punho, se tanto fosse preciso, o principio da liberdade, da moralidade, do respeito publico. São esses covardes que nós encontramos todos os dias, a todas as horas, a todos os instantes, e a todos os cantos, curvados, beijacús reverentes, perante os que dispõem das benesses e das graças.

Covardes! Nunca ninguem os vê atirar-se ao mar, aos rios, aos lagos, aos poços, salvar corajosamente o seu semelhante que se afoga. Nunca ninguem os vê pôr-se na frente d'uma carruagem que corre á desfilada, commovidos pelos gritos afflictivos da creança innocente que lá vae. Nunca ninguem os vê entrar por uma casa em chammas para arrancar de lá os infelizes que estão ameaçados de morrer queimados. Não. Quem faz isso é o labrego, é o pé rachado, é o pé descalço, é o homem que, calçado ou descalço, está fóra das leis da honra e dos convencionalismos de salão. Por via de regra é este, e só este, que se expõe a esses perigos, desprezando-os com um fim altruista. E' este, que não vae para os duellos nem para o campo da honra.

O outro não. O outro nunca descalça a luva para não ferir a epiderme. O outro diz que jogo de mão é jogo de villão. E se faz, excepcionalmente, esse jogo, é para fugir, é para bater nas indefesas mulheres, nas innocentes

creanças que lhes embaraçam o caminho, como fizeram esses heroes do bazar de Paris, todos filhos das leis da honra, todos elles heroes de duello.

Covardes!
Ainda ha poucos dias eu vi um paspalhão, que se diz republicano,—e estes imbecis irritam-me sempre por dizerem que falam em nome da verdade e da justiça,—ainda ha poucos dias eu vi um d'esses paspalhões censurar o sr. Ayres d'Ornellas, não pelo ridiculo d'este senhor—ridiculo e mais alguma coisa—vir confessar em publico que se tinha confessado e commungado por ter sido testemunha de um duello, mas porque—dizia o paspalhão—sendo o sr. Ornellas militar, e tendo um militar obrigação de se bater, não admittia que o mesmo sr. Ornellas rejeitasse o duello.

E diz-se republicano, o paspalhão. E é apostolo do progresso e é propagador dos principios da civilização, e é evangelista da democracia, esta grande cavalgadura que, nos ultimos dias do seculo desenove, apparece em publico a defender a doutrina d'essa noite profunda da idade média!

Em primeiro lugar, não ha comparação nenhuma entre a guerra e o duello, que se regem por principios e processos quasi sempre antagonicos. Em segundo lugar, a guerra é um recurso extremo, que exclue todos os outros, e o duello não o é nunca. Prova-o a Inglaterra, que faz guerras, mas que não admittie o duello em inglez nenhum.

Em terceiro lugar, na guerra bate-se o profissional e o que não é profissional, logo, a valentia e a moral d'um é a valentia e a moral do outro. Como admittie o paspalhão, em questões de dignidade, de coragem, e de moral social, um principio para o que é militar e um principio diferente para o que é paizano?

A guerra é a negação perfeita d'esse combate singular cha-

mado duello. Se com algum combate singular se pôde comparar é com aquelle que está fóra das leis da honra e dos convencionalismos de salão. Não tem testemunhas e quem quizer intervir n'ella ha de intervir a pedido do contendor que leva pancada—e aqui é o caso de gritar *ó da guarda*—ou por sua conta e risco, correndo os perigos d'uma intervenção forçada. Um sujeito encontra outro na rua, vae-lhe á cara e este defende-se, bem ou mal, que não tem outro recurso. Quando muito, previne-o antecipadamente que lhe vae á cara.

Tal é a guerra.
Que diabo de obrigação tem um militar d'ir para o duello por ter obrigação d'ir para a guerra? Tanta, como o aldeão, que se defende a cacete ou a tiro, das aggressões d'um cacete ou d'uma espingarda e se é porque o militar tem a profissão de matar, tambem esta é a profissão do fadista, e ninguem exige ao fadista que se bata em duello.

E' porque um militar usa espada á cintura? Cá está o pobre homem republicano agarrado outra vez aos progressos da idade média. Hoje já não se combate, na guerra, com espadas. E' com explosivos.

E' porque a pratica dos duellos prepara para a guerra? Na Inglaterra ninguem vae a duellos e o inglez, como ainda agora o está provando em Africa, bate-se na guerra como um leão. Em Inglaterra ninguem julga condição indispensavel d'um militar provocar ou acceitar duellos. Pelo contrario, prohibe-se-lhe expressa e rigorosamente que o faça. E nem por isso a patria deixa de encontrar homens corajosos e valentes para a defender com as armas na mão, quando é preciso, nem a Inglaterra, apesar de todas as antipathias que lhe temos, deixa de ser uma nação culta e progressiva como poucas.

Defendam todos os paspalhões e de todos os matizes o duello,

em nome da idade média, em nome do passado, em nome do juizo de Deus. Mas em nome da democracia, isto é da justiça, da verdade, do progresso, da civilização, só um pobre d'espirito, d'aquelles que tem carta branca para dizer tudo quanto queiram, o pôde fazer.

E como o assumpto é importante e vasto, e como demos por epigraphe a este artigo *san moral*, o que dá margem para muito, voltaremos ao assumpto.

COMICIO

Realizou-se no domingo o comicio que aqui annunciámos. Foi muito concorrido.

Presidiu o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto e falaram os srs. dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, dr. Jayme de Magalhães Lima, dr. Joaquim de Mello Freitas, dr. Alvaro de Moura e, como representante da camara municipal de Albergaria, dr. Alexandre de Albuquerque.

Todos os oradores defenderam a conveniencia do caminho de ferro do Valle do Vouga entrar na rede ferro-viaria e da linha principal vir de Vizeu a Aveiro e não de Vizeu a Espinho e para isto deve a bifurcação dos dois ramaes ser em Valle Maior e não em Carvoeiro como está projectado. Como o sr. dr. Alexandre de Albuquerque demonstrou muito bem, Valle Maior é já hoje um centro industrial importante, pois existem alli duas grandes fabricas, uma de papel propriamente em Valle Maior, outra muito perto d'alli, no Carvalho, de polpa de pinheiro para massa de papel, com tendencias para criação d'outras fabricas por haver na região boas quedas d'agua, favoraveis ao desenvolvimento da industria. Se a bifurcação dos dois ramaes fór em Carvoeiro, fica já Valle Maior no ramal que se dirige a Espinho e, em tal caso, desviada de Aveiro a

(20) FOLHETIM
IVANHOÉ
ROMANCE POR WALTER SCOTT
CAPITULO VIII

Continuava a pausa do torneio, não se ouvindo senão as vozes dos arautos, exclamando: «Amor ás damas! Quebrem-se ás lanças! A'vante, valentes cavalleiros! formosos olhos contemplam as vossas proezas!»

Dez tempos a tempos a musica dos mantenedores retumbava com os seus toques de triumpho ou desafio, enquanto a multidão lamentava que o dia se passasse na inacção; os velhos cavalleiros e nobres deploravam a meia voz a decaden-

cia do espirito marcial e falavam dos triumphos da sua mocidade, mas concordando em que no paiz já não havia damas de belleza tão superior como as que tinham animado as justas dos antigos tempos. Já o principe João começava a falar com as pessoas da sua comitiva a respeito do banquete e da necessidade de conferir o premio a Brian de Bois-Guilbert, que com uma só lança desmontara dois cavalleiros e fizera falhar o esforço de um terceiro.

Por fim, quando a musica oriental acabava um dos seus toques atroadores respondeu-lhe uma corneta solitaria em tom de desafio, á porta do norte. Todos os olhos se voltaram para verem o novo campeão que se annunciava e que, mal se abriu a barreira, entrou na arena.

Tanto quanto se podia julgar por um homem armado dos pés á cabeça, o novo combatente não excedia a estatura mediana e parecia mais esbelto do que robusto. Vestia uma armadura d'aço, ricamente incrustada d'oiro, e a divisa do seu escudo era um carvalho novo, tendo as raizes á mostra, e com a palavra hespanhola *Desdichado* que quer dizer desamparado. Montava um magnifico cavallo preto, e ao atravessar a liça fez com a lança um gracioso cumprimento ao principe e ás damas. A dextreza com que dirigia o seu ginete, o seu aspecto juvenil e a graça das suas maneiras ganharam-lhe todas as sympathias, que algumas pessoas das classes ordinarias lhe testemunharam, dizendo: «Tocae o escudo de Ralph de Vipont, o escudo do hospitaleiro; é o menos firme na

sella e o que mais facilmente pode vencer.»
O campeão, no meio d'estas insinuações animadoras, dirigiu-se para a plataforma e, com espanto de todos os espectadores, foi direito ao pavilhão central e tocou com a ponta da lança o escudo de Brian de Bois-Guilbert, fazendo-lhe dar um som prolongado. Todos se admiraram da sua presumpção, mas ninguem tanto como o temido cavalleiro, provocado d'aquella maneira para um combate mortal, e que, sem lhe passar tal coisa pela ideia, estava muito descuidado á porta da sua tenda.
—Vindes confessado, irmão, disse o templario, e ouvist's missa esta manhã para virdes arriscar a vida tão temerariamente?
—Estou mais bem preparado para a morte do que tu, respondeu

o cavalleiro «Desamparado»; pois que era este o nome com que se inscrevera no registó do torneio.
—Tomae então o vosso lugar na liça, disse Bois-Guilbert, e olha para o sol pela ultima vez, porque esta noite ireis dormir ao paraíso.
—Obrigado pela tua cortezial replicou o cavalleiro «Desamparado», e para té agradecer, aconselho-te a que tomes outro cavallo e uma lança nova; porque, por minha honra, terás necessidade de ambas as coisas.
Depois de ter falado com tanta confiança, o assaltante fez descer o seu cavallo da plataforma sempre recuando e obrigou-o a atravessar assim toda a liça até á porta do norte, onde esperou, sem fazer um movimento, que o seu adversario se apromptasse. Esta prova de pe-

Comunicação directa com aquelle importante centro fabril.

E', pois, indispensavel aos interesses de Aveiro não só que a linha do Valle do Vouga entre na nova rede ferro-viaria, mas ainda que o traçado se faça em condições vantajosas para nós, vantajosas aliás communs á grande maioria das povoações servidas pela linha em questão.

Nesse sentido se devem orientar todos os esforços da cidade de Aveiro.

O sr. José Luciano de Castro, que é filho d'esta terra, nunca fez caso d'ella e, na verdade, não tem motivos nenhuns para lhe ser grato. Aveiro embirrou com o sr. José Luciano, não, como nós embirramos com elle, por s. ex.^a não ter principios, nem civismo, por outra, nem verdadeira capacidade intellectual, nem verdadeira capacidade moral, mas por ser um homem de influencia. O sr. José Luciano desempenhava um alto cargo na politica portugueza; não era preciso mais para os de Aveiro, que é a terra mais mesquinamente invejosa, mais ridiculamente petulante do paiz, embirrarem com elle, como embirrariam se o sr. José Luciano se salientasse pelos seus merecimentos intellectuaes ou moraes. Caso é fazer-se sombra á mesquinaria indigena.

O sr. José Luciano tem tido, pois, motivos de farto resentimento contra Aveiro, por isso que s. ex.^a sempre vale mais, sob todos os pontos de vista, que qualquer d'esses insignificantes que fazem figura por ahi. Não deve nada á sua terra, como nada lhe devem, a não ser coices, todos aquelles que se elevaram acima do nivel dos Bichezas, Cocabichinhos, etc. Mas, emfim, sempre é a sua terra. Aquí, n'este concelho, nasceu o actual presidente do governo. S. ex.^a, que já está velho, que já se a aproxima do tumulo, deve ter isso em conta, desprezando a insignificancia que mais ou menos o hostilizou sempre, quando não lhe pedia favores. Perto do tumulo mais saudades tem o homem do berço. Empregue o sr. José Luciano a sua influencia para dotar agora Aveiro com este importante melhoramento e verá que fica de bem comsigo mesmo.

Tuna Talábriga

Como antecapadamente aqui annunciámos, teve lugar no dia 23 do corrente o sarau familiar pela «Tuna Talábriga».

Não repetiremos o programma, que o leitor, decerto, já conhece, pois em tempo opportuno

lhe demos a devida publicação. Hoje simplesmente diremos que a «Tuna» nos proporcionou uma noite agradável e por vezes de franca hilaridade.

«Os três maestros», sobre tudo, eram de arrebrantar a rir! Que três ratões!

Da parte musical bastará dizer que a plateia applaudiu, fazendo justiça aos méritos de todos, e muito especialmente ao sr. J. Alleluia, habil regente da «Tuna».

Que não adormeçam sobre os loiros collidos, e que continuem trabalhando, são os nossos desejos. E oxalá que brevemente nos tornem a dar o prazer d'uma noite como a que nos acabam de proporcionar.

A PROPOSITO DO PADRE

Como dissémos não podemos acompanhar Guyot no seu estudo sobre a applicação das doutrinas sociaes do christianismo, que constituem o assumpto dos livros II e III da sua magnifica obra, a mais suggestiva de quantas, sobre o mesmo thema, temos lido e que não são poucas. Temos pena. Mas nem nós temos espaço, nem o lugar é apropriado para um tamanho e tão profundo desenvolvimento da materia. Contudo, resumiremos em mais dois ou tres artigos a continuação do excellente trabalho de Guyot.

Guyot começa por descrever o estado miseravel dos primeiros seculos do christianismo. «Durante os dezeses primeiros seculos do christianismo, pôde-se dizer que a fome foi o estado normal da Europa. De tempos a tempos menciona-se uma fome que arrebatava, como a de 875, mais do terço dos habitantes da Gallia e da Germania. No periodo que encerra o anno 1000, sobre 73 annos ha 48 de fomes e epidemias. No seculo dezeses, dez fomes; no seculo XI a fome dura todo o seculo. Chega a um tal paroxismo (1031) que a antropophagia dos vivos e dos cadavres se torna um facto normal.

No seculo XII continúa a fome. No seculo XIII afrouxa um pouco. Nos seculos XIV e XV reaparece violenta e implacavel.

Como consequencia d'este regimen dietetico, ha uma doença constante na idade média: a dysentria, filha d'excessos e privações. A defecação frequente é a expressão d'um enfraquecimento e d'uma depressão do organismo. Segue ou provoca o medo, a tristeza etc. Falta de segurança por toda a parte: o imperador tem medo dos seus soldados. Cada chefe de bando tem medo do outro chefe. Cada senhor tem medo dos outros senhores. Os homens livres lançam-se na escravidão para ella os proteger; os servos, esses ficam á discreção completa do senhor, que não conhece outras regras senão o seu capricho e a sua phantasia.

Toda a noção de direito desapareceu; não ha senão uma adoração: a da força. Mas a força humana é sempre conduzida por uma vontade: a vontade é o motor sem o qual a força fica inerte. O clero e o papado

compreenderam muito bem o papel directo que lhes incumbia: experimentaram ser a vontade d'estes brutos. Reis, imperadores e aldeões pensariam e procederiam em seu proveito.

O clero do Occidente era Gallo-Romano e os Gallo-Romanos tinham recolhido as ultimas seentelhas da intelligencia de Athenas e de Roma. Dedicaram-se a disciplinar o subjectivismo grosseiro dos Vandalos, dos Alanos, dos Humos, dos Burguinhões, dos Visigodos, dos Francos, etc. Toda a orthodoxia é uma regularisação da loucura religiosa, impedindo-a de cahir no absurdo completo a que a conduziria a logica.

Para dirigir estes brutos o clero tem dois pontos de apoio: dois sentimentos:

O medo.

O odio.

A sua exploração em proveito do clero: tal é a applicação das doutrinas sociaes do christianismo.

Não ha segurança, por conseguinte todo o mundo tem medo. Todas as historias de santos, todas as lendas da epocha mostram-nos o padre occupado a aggravar esse medo e a tirar d'elle o melhor partido possível.

Pelo céo, domina o rei, o imperador, o senhor. O poder de todos é muito aleatorio. Cada um sente que tem necessidade de ser protegido. Quem o ha de proteger? O bispo! O bispo tem santos, que são muito poderosos. E' preciso estar de bem com o bispo para estar de bem com o santo. O mais poderoso bispo da Gallia é o bispo de Tours, porque S. Martinho é o santo mais afamado.

Os padres não desprezavam nada para manter esses habitos. Tinham encantos, usavam da magia; operavam curas milagrosas. A lenda do anno mil é a expressão exacta do estado psychologico d'aquella epocha.

Desde a vinda de Christo, a humanidade não tinha cessado de esperar o fim do mundo annunciado por tantas prégões. Dia a dia se esperava o Anti-Christo, que devia preceder o terrivel cataclismo. O Anti-Christo não era só esperado; já tinha vindo. Os padres assignalavam a sua presença, do alto de todos os pulpitos; todas as egrejas retumbavam com o ruido dos seus crimes; a lenda mostrava-o por toda a parte: só havia fé na morte.

Não havia symptomas assustadores e innegaveis d'esse fim do mundo, da existencia d'esse Anti-Christo?

Em 945, no meio d'um terrivel furacão que cahiu sobre Paris, viu-se demonios terriveis, cavalleiros de formas estranhas atacarem-se nas nuvens corpo a corpo, despedindo raios uns contra os outros.

D'ontra vez, perto de Joigny, cahiu uma chuva de pedras sobre um castello. Emfim, o que era um signal bem evidente, coisa que se contava muito baixinho, chegadinhos uns aos outros, tremendo de medo: em 988, um lobo entrou na cathedral de Orleans e pegando na corda do sino fartou-se de tocar o dobre funebre pela morte do mundo.

Em 955, houve um eclipse e um cometa, coisa medonha!

A mulher do rei Roberto, excomungado por causa do seu consorcio com uma parenta, pariu um monstro.

Certos dias ouvia-se, pela noite calada e negra, estranhos ruidos no ar; mais do que um individuo distin-

giu distinctamente, com espanto, o toque das trombetas do juizo final!

Era certo o fim do mundo. Não havia que duvidar com estes signaes. Dzuthmare, frade da Corbia, fixou-o definitivamente para o dia 25 de março do anno 1000.

Desde então, perante esta data precisa, a humanidade não duvidou mais; esperou, com uma esperanza misturada de espanto; deitou-se e dormiu n'essa crença terrivel, com resignação. Esgotada, cansada por tantos abalos, tantas guerras, tantos soffrimentos, atardada pelo chaos de ambições, de oppressões, de raivas, chocando-se uns nos outros desde tantos seculos, experimentando a immensa fadiga que se segue ás grandes crises; assaltada de miserias, a espinha dobrada deante do padre e da fome; sem ideal na vida, sem energia, sem idéas; vasia, macilenta, atrophada pela servidão material e moral; rolando de queda em queda, de ruina em ruina, sempre descendo; sentindo cada dia mais dura a mão da morte e vendo-a mais horrenda, achou muito simples que terminasse n'uma catastrophe final. (1) Nascida pela destruição, a destruição foi todo o seu progresso, todo o seu ideal poetico; o seu sublime foi o horror; a sua esperanza foi o tumulo.

Houve na espera do dia fatal como que uma suspensão de vida: o pulso da humanidade parou.

Chegou o 25 de março: todas as egrejas brilharam com luzes; a multidão accumulou-se n'ellas, com a frente no chão, tremendo de terror. Esperou-se com angustia; os minutos decorriam lentos; parecia que o chão estremeia, prompto a abrir-se para lançar os mortos fóra das sepulturas.

Esperou-se: o sol devia apagar-se e era de noite que tocavam as trombetas do juizo final e que o Anti-Christo surgia na sua magestade terrivel.

Esperou-se: o sol não se apagou, o som das trombetas não se ouviu, a terra não deitou os mortos cá fóra, não houve chuva d'estrellas, não appareceu o Anti Christo.

As frentes não se levantaram do chão: continuaram curvadas, inclinadas sobre a povoeira; os tremores do medo sacudiram de novo as multidões; o nó da angustia apertou-se na garganta tornando-se mais cruel de minuto para minuto, de hora para hora: é esta noite, pela meia noite; vinda a noite, acaba-se tudo; nunca mais brilhará o sol, nunca mais, nunca mais!

Mas nada. O sol brilhou como de costume; os dias succederam aos dias e o mundo existindo sempre!

Que importou? Ainda a humanidade não tinha tido tempo de levantar a cabeça quando, a 29, um immenso dragão sahio d'uma nuvem prestes a estrangular o mundo com as suas garras formidaveis e a sepultalo na sua guela em chammas. Por toda a parte os olhos se fecharam deante do seu brilho. Cercaram-no exercitos de fogo e deu-se no céo uma batalha encarniçada. Uma chuva de sangue ensopou a terra. Rebentaram incendios em todos os pontos do mundo. Uma explosão do Vesuvio abalou o universo. A 29 de Junho o sol ecl-

(1) Pobre humanidade! Ainda hoje pesa sobre ti essa hereditariedade de preconceitos e tolices!

psou-se. E' agora! «Todos os rostos estavam pallidos e os objectos que se descobriam no céo eram amarellados e acafoados». Os olhos de Christo choraram n'uma abbadia...

A humanidade não pôde readquirir a sua confiança. Em toda a idade média, nunca mais voltou a si d'este terror. Em 1001, em 1003, cometas e eclipses lançaram-n'a no espanto. Em 1031 um cometa, durante tres noites, acendeu no céo o seu sinistro presagio. Reappareceu em 1066. A humanidade continuou a não se julgar salva. Arnaud de Villeneuve annunciou o fim do mundo para 1395; Stoffer para 1521. No fim do seculo dezeses, a humanidade estremeia ainda com tal idéa: Henrique IV prohibiu, por meio d'um edito, que se falasse em tal.

O homem da idade média não acreditava na sua força; só acreditava na força do sobrenatural: Deus ou o Diabo. Elle tinha medo egualmente dos dois, mais talvez ainda do primeiro que do segundo. O segundo podia elle enganar; o primeiro era sempre implacavel!

Tinha-se a obsessão de Satanaz. Tinha-se medo das pessoas que, concluindo um pacto com elle, adquiriam o seu poder.

O Diabo ficou visivel até aos nossos dias: Carlos II, essa especie de idiota rei da Hespanha, fazia dormir no seu quarto dois confesores e dois frades para o protegerem contra o Diabo. Depois Satanaz tinha um cortejo, antigos faunos, gatos, ratos, sapos, cães negros. Todos estes demonios vinham da Persia, pelo Egypto. Mas o Norte, a Allemanha, a Inglaterra, as brumas do Rheno e da Armórica eram os seus verdadeiros dominios.

E além d'esta miseravel existencia terrestre, como futuro, o inferno!

A politica do clero, n'estas circumstancias, foi simples: «Para que eu te livre dos perigos que Deus e o Diabo te fazem correr, dá-me vantagens materiaes. Em troca das tuas terras, dos teus castellos, dos teus direitos, prometto-te o auxilio do meu credito no céo; evitar-te-hei o inferno, diminuir-te-hei o purgatorio, assegurar-te-hei o paraíso». As doações começam por estas palavras solennes:

«Quem der uma parte dos seus bens aos logares santos e veneraveis, receberá, disse-o Deus, o centuplo n'este mundo, e possuirá, o que é infinitamente mais precioso, a vida eterna.»

No anno mil todos esses senhores, todos esses barões, todos esses ladrões, todos esses bandidos, que, aos bandos, tinham lançado a miseria, a ruína, o incendio no mundo, ficaram cheios de pavor. A consciencia accordou-lhes os crimes e mostrou-lhes o abysmo da eternidade. Melhor ainda que o povo, ouviram as trombetas do juizo final e, tremendo, compreenderam a sentença que os ia fulminar; entreviram a espiação, a eternidade toda cheia para elles de tormentos e chammas. Recuaram e abriram, completamente, a mão, tão rija e tão fechada quando se tratava de roubar. Chamaram os abades, os bispos e dictaram: «Ao appropiar-se a noite do mundo, lego e dou todos os meus bens, em expiação dos meus crimes, á Igreja bem aventurada e aos santos mosteiros». O abade recebeu com a mesma simplicidade com que o se-

ricia equestre ganhou-lhe novos applausos da multidão.

Apezar de enfurecido pelas prégões que lhe recommendara o seu adversario, Brian de Bois-Guilbert não as desprezou; a sua honra estava muito interessada no caso para lhe permittir esquecer qualquer meio de ajudar a vencer o seu vaidoso adversario. Escolheu, pois, outro cavallo, seguro e fresco, dotado de grande força e ardor; tomou uma lança nova, com receio de que o cabo da antiga tivesse soffrido nos recontros que sustentara; e, finalmente, deixando o escudo, que tinha recebido alguns pequenos danos, tomou outro das mãos dos seus escudeiros. O primeiro tinha por divisa a da sua ordem, representando dois cavalleiros sobre o mesmo cavallo, emblema expressivo da primitiva humildade e

pobreza dos templarios, qualidades essas que se mudaram depois na arrogancia e riqueza que motivaram a sua suppressão. O novo escudo de Bois-Guilbert representava um corvo de azas abertas tendo um craneo nas garras, e tinha por divisa estas palavras: *Gare le corbeau* (Livra-te do corvo).

Quando os espectadores viram os dois campeões em frente um do outro, postados nas extremidades da liça, a sua anciedade subiu ao auge. Poucos esperavam que o recontro pudesse acabar bem para o cavalleiro «Desamparado», apezar de que a sua coragem e louçania lhe tinham grangeado os bons desejos de todos os espectadores.

Mal as trombetas deram signal, os dois campeões arremessaram-se um contra o outro com a rapidez do raio e encontraram-se no centro

da arena, produzindo um fragor semelhante ao de um trovão. As lanças ficaram feitas em bocados e pareceu um momento que ambos elles tinham ido a terra, porque a violencia do choque foi tal que os cavallos cahiram sobre as ancas. Mas a dextreza dos cavalleiros conservou-os na sella pelo uso do freio e das esporas; e tendo olhado um para o outro com olhos que pareciam desferir lume através das viseiras, deram meia volta, e, voltando para as extremidades da arena, receberam lanças novas dos seus escudeiros.

As aclamações estrondosas dos espectadores e os lenços e mantilhas agitadas no ar patentearam o interesse que o publico tinha tomado por este recontro, o mais igual e o mais bem sustentado que houvera até então. Mas logo que os

cavalleiro «Desamparado» cambaleou na sella. Este, pelo seu lado, havia primeiro tomado tambem por alvo o escudeiro de Bois-Guilbert; porém, elevando-a, quasi no ultimo momento, dirigiu-a contra o elmo, batendo-lhe em cheio na viseira. Esse alvo era mais difficil, mas, sendo attingido, o choque era quasi irresistivel. Apesar d'essa desvantagem o templario sustentou a sua alta reputação, e se as cilhas da sua sella se não tivessem partido, poderia não ter sido desmontado; mas, em virtude d'esse accidente, sella, cavallo e cavalleiro rolaram no chão n'uma nuvem de pó.

Desenvencilhar-se dos estribos e pôr-se a pé foi para o templario obra de um momento. Cego de raiva, tanto pela sua desgraça como pelas aclamações que ella produziu da parte dos espectadores, pu-

combatentes retomaram a sua posição, os clamores e applausos cessaram, sendo substituidos por um silencio tão completo e profundo que a multidão parecia ter receio de respirar.

Depois de uma pausa de alguns minutos, para que os combatentes e seus cavallos pudessem recuperar alento, o principe acenou com o seu bastão aos trombetas para que dessem o signal de investir. Os campeões partiram pela segunda vez e encontraram-se no meio da liça com a mesma impetuosidade, a mesma dextreza, a mesma violencia, mas não com a mesma sorte da primeira vez.

N'este segundo encontro o templario visou ao centro do escudo do seu antagonista e deu-lhe um golpe não certo e tão vigoroso que a sua lança se fez em pedaços e o

Cartas d'Algures

29 DE DEZEMBRO.

Vem o jornal *Novidades* lacrimoso pela attitude da imprensa portugueza contra a Inglaterra, porque d'essa attitude resultou indignarem-se os amigos inglezes e d'essa indignação resultará amigos e *fieis aliados* inglezes lançarem mão de Lourenço Marques.

Pois já? Nós esperavamos, ao menos, que amigos inglezes escolhessem melhor pretexto.

Pois já? E tudo porque, no dizer das *Novidades*, «partimos em guerra desenfreada a favor dos boers, a quem nada devemos e que em nada nos poderão ser uteis, ainda que quizessem sê-lo—no que aliás não pensam.»

Então com que os boers não dão esmola, hein? E como não dão esmola, leve o diabo a justiça e a verdade e toca a dar-lhes para baixo?

Francamente, é a primeira vez que acreditámos o que toda a gente diz, isto é que o periodico *Novidades* nunca teve outro mobil em todas as suas campanhas senão o interesse. Julgámos sempre que havia alguma justiça n'essa accusação e que aquillo que se attribuia, exclusivamente, a interesse, era, muitas vezes, filho d'um temperamento especial. E perdoavamos ás *Novidades* as más causas que defendiam, provocando a irritação e a indignação de todo o mundo—perdoámos-lhe mesmo quando essa defeza chegou até causar prejuizos pessoas a alguém com quem estamos intimamente ligados—pela franqueza e lealdade que nos parecia haver no fundo d'essas desgraçadas campanhas.

Mas vemos que nos enganavamos e só agora percebemos bem o valor da indignação geral, que *Novidades* costumam levantar no publico.

Para aquelle periodico—é elle mesmo que o confessa—não ha justiça, não ha verdade, não ha razão; ha só interesse.

Os boers defendem a sua terra, a sua liberdade, a sua independencia. Foram provocados, insolitamente provocados, sem outro pretexto senão o da expolição violenta e á má cara. Isto acaretou-lhes a sympathia de todo o mundo, incluindo a da raça ingleza. Nos proprios Estados-Unidos da America do Norte a opinião publica é hostil ao procedimento dos inglezes e reconhece a justiça da causa dos boers. Mas que devemos nós a estes? Que temos nós que esperar d'elles? A Inglaterra, sim. Devemos-lhe as ultimas affrontas e as ultimas expolições. Ainda n'outro dia, no *ultimatum*, as proprias *Novidades* o confessavam, prometendo-lhe odio eterno. Mas pôde vir nova affronta e nova expolição e, portanto, beijemos a bota que nos enlameou, a vér se não vem por ahí mais lama.

Confessemos que não pôde haver attitude mais indigna e, consequentemente, mais revoltante.

seu escudo tinha pintada sobre fundo de prata uma cabeça de touro preto, já quasi apagada em resultado dos numerosos combates que tinha sustentado, e com esta arrogante divisa latina: *Cave, me adsum* (acautela-te, cá estou eu). O cavalleiro «Desamparado» obteve sobre este campeão uma pequena vantagem, mas decisiva.

Ambos partiram as lanças: mas Testa-de-Boi perdeu um dos estribos no choque, sendo declarado vencido.

No encontro com *sir Philippe de Malvoisin* o desconhecido teve identica fortuna; deu um golpe tão valente no capacete do barão que as correrias rebentaram e Malvoisin, que este accidente preservou d'uma queda, foi tambem declarado vencido como os seus companheiros.

E' falso o que affirmam *Novidades* quando affirmam que a attitude da imprensa portugueza contra a Inglaterra é mais hostil que a de quasi todas as outras nações da Europa. Falsissimo. Só agora, repetimos, vemos bem que aquelle periodico nunca teve o fundo de lealdade que lhe suppunhamos. Falsissimo. A imprensa franceza, russa, allemã, belga, etc, aggride muito mais a Inglaterra do que a imprensa portugueza. E não só a imprensa. Nos theatros, nos cafés, nas avenidas, em conferencias e comicios, o publico d'aquellas nações mostra toda a sua indignação e irritação contra a Inglaterra.

Mas que? E' a Russia. E' a Alemanha. E' a França. E' a propria Belgica, é a propria Hollanda, nações pequenas mas que *re-pontam*, mas que se defendem. Deante d'essas cala-se a Inglaterra. Mas atreve-se a imprensa portugueza a ter opinião? Atreve-se este povo de ilotas a pensar? Esperae lá, que ahí vem o colosso, abatido por uma nação que tem a terça parte dos habitantes de Portugal, desforrar as suas armas e levantar o seu prestigio.

Pois que? Não obrigam os boers os soldados inglezes a morder a terra? Não mostram elles, os selvagens, quanto ha de ignorancia e de imbecilidade tactica e estrategica nos famosos generaes da maior nação do mundo? Então espere ahí o Portugalsinho, que vae refazer a fama dos guerreiros inglezes.

Elle ahí vem, o colosso, não falta já quem se agache e prepare para receber catholicamente o primeiro pontapé.

Que malandros! Note bem: este malandros não é dirigido aos inglezes, é aos catholicos portuguezes amigos da Gran-Bretanha.

Que malandros! Ahí vem o colosso, e, emquanto não vem, o governo que adopte a tempo resoluções energicas e decisivas, sem hesitações, se a razão do jestado assim o pedir.»

Ou, por outra, o governo que faça tatar a bocca aos que affirmam, com todo o mundo, a justiça dos boers, aos que se atrevem a confessar que não gostam do procedimento da Inglaterra.

Arre, malandros!

Pois a Inglaterra pôde, por ventura, ignorar que é profundamente antipathica aos portuguezes? Ha muitos annos que este povo não perde occasião de lhe manifestar a sua antipathia. Questão de ingratitude, como pretendem *Novidades*? Não; questão de revolta contra uma sujeição affrontosa. Mas, fosse o que fosse ou seja o que fór, o caso é que essa antipathia existe, que se tem manifestado sempre e que, portanto, a Inglaterra não tem hoje que a estranhar mais do que a estranhava hontem.

Não é isso. A Inglaterra quer um pretexto futil para se apoderar de Lourenço Marques? Pois diga-se isso, e acabou-se. Que leve Lourenço Marques. Como tem d'ir, fatalmente, inevitavel-

No quarto combate, com De Grantmesnil, o cavalleiro «Desamparado» deu provas de tanta cortezia como tinha dado de coragem e dextreza. O cavallo do seu adversario, que era novo e feroso, empinou-se e abaixou-se na carreira de tal modo que foi impossivel ao seu cavalleiro fazer uso das armas. Em vez de tirar partido da vantagem que esse accidente lhe fornecia, o desconhecido levantou a sua lança e passou pelo seu antagonista sem o tocar; depois, fazendo dar uma volta ao cavallo, voltou para o seu posto, mandando por um arauto offercer novo assalto ao seu adversario. De Grantmesnil recusou, confessando-se vencido tanto em cortezia como em dextreza.

Ralph de Vipont fechou a lista das victorias do desconhecido, sen-

mente, quanto mais depressa melhor.

A Inglaterra nunca se prendeu com considerações de somenos, quando quer lançar a mão a alguma coisa. O pretexto que invocou contra o Transwaal foi futil. Este agora, que invoca contra nós, muito mais futil é. E' mesmo o mais vergonhoso que pôde ser, atacada a Gran-Bretanha pela imprensa de todos os paizes e posta em cheque, n'este mesmo instante, por um dos mais pequeninos povos do mundo. Mas quer a Inglaterra saber d'essas *ninharias*? O que ella quer é Lourenço Marques.

E é tudo. De resto, as coisas da guerra caminham ás mil maravilhas. As aguias soberbas do Transwaal lá pairam nas montanhas, *á espera*. A imbecilidade indigena, *Novidades* á frente, vae falando. E' Ladysmith que resiste impávida, é Kimberley que tem viveres e munições para muito tempo, é o noyo generalissimo inglez que vae fazer lindas coisas, é Methuen fortemente entrincheirado, é Buller que vae tirar a desforra, etc. E as aguias pairando, *á espera!* Para que perder um soldado a investir violentamente Ladysmith, se Ladysmith está certa? Para que arriscar vidas n'um ataque a Kimberley, se Kimberley está alli, á mão, segurinha? Mafeking ainda não se rendeu? Pois ella se renderá.

As aguias esperam a presa! Sabem esperar.

Espectaculo maravilhoso. Um povo sem exercito permanente, sem agaloados, sem estados maiores estapafurdios, sem caganifancias de qualidade alguma, dando lições militares a quasi todas as velhas monarchias europeias, levando de vencida o povo orgulhoso que julgava poder metter as maiores nações debaixo do pé!

Maravilhoso espectaculo. Admiravel, soberbo!

E cá vae a continuação da prophacia: a Inglaterra levou, leva e continuará a levar pancada. As ultimas providencias que tomou são completamente inefficazes. Ou cento e cincoenta mil homens para a Africa, d'uma só vez, ou pancada certa e rija.

E' isto. A. B.

VENDA DE COMPANHA

José Joaquim d'Oliveira Vinagreiro vende a sua companhia de pesca da costa de S. Jacintho, comprehendendo casas, rédes, cordas, barcos e demais pertences.

Facilita-se o pagamento em prestações.

O vendedor pôde ser procurado na rua do Caes, em casa do sr. Domingos Leite.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

do cuspido do cavallo com tamanha força que lhe rebentou o sangue pelo nariz e pela bocca, e foi retirado da arena sem sentidos.

O principio e os marchas annunciaram que o «cavalleiro» ganhara as honras do dia, declaração que foi acolhida com as aclamações de milhares de pessoas.

— Espero que nos tornaremos a ver, disse e templario, lançando um olhar d'odio ao seu antagonista, e n'um sitio onde não vão separar-nos.

— Se isso não acontecer, replicou o cavalleiro «Desamparado», a culpa não será minha. A pé ou a cavallo, com a lança, com a acha ou com a espada estarei sempre prompto a medir-me contigo.

Teriam trocado palavras ainda mais violentas se os marchas,

nhor dava. Se o fim do mundo viesse, o senhor nada perdia e resgatava a sua alma. O fim do mundo não veio: abbade e bispo recolheram e guardaram.

A Igreja passou d'ahi a commerciar mais largamente com o céo. Poz em leilão as indulgencias e as remissões de todos os peccados. Os padres chegavam a uma cidade, erguiam na janella a bandeira do papa, annunciavam-se com estrondo como os saltimbancos e proclamavam que tinham poderes para libertar as almas do purgatorio. E era verdade. Tinham tarifas de peccados com os preços da remissão. Um d'esses mercantes, de indulgencias, Tetzal, deixou uma reputação merecida. Fazia espantosas descrições do inferno e do purgatorio: provava que ninguem podia escapar ás penas eternas. Os ouvintes horrorisavam-se. Então Tetzal quando os via no cumulo do terror abaixava a voz e dizia em tom calmo:

«Pois bem; tudo isso fica expiado quando as remissões entrarem no cofre do papa.»

E fazia bom negocio: em 1507 recebeu em Freiberg 2:000 florins só em dois dias; em 1508, 3:000 thalers em tres semanas.

Provocar, entreter o delirio de perseguição no presente e no futuro: ameaçar com tormentos espantosos e prometter-lhes o fim: tal foi, tal é a politica constante do clero.

Explora o medo das pessoas mal equilibradas: em troca do que recebe, dá todas as pypothecas possiveis sobre o paraíso e fica sempre bem dos seus contractos porque ainda ninguem voltou do outro mundo censural-o por ter mentido e logrado.»

E continuaremos, que, já agora, sempre havemos de tirar algum proveito.

As festas do Natal

A' hora em que escrevemos, anda a musica na visita.

Os foguetes deveriam estalar nos ares, aos centos, n'um esfusiar constante, mas os tempos vão passando e as tradições enfraquecem.

D'antes, quem podia dormir em Aveiro, em noite de entrega, se a sorte lhe deparava com um mordômo ao pé da porta?

E as abundantes bacalhoadas com nabos e batatas regadas por um Bairrada sem macharufadas, a fumegarem na extensa mesa do *parceiro*, onde iam abancar amigos que tanto podiam ser de Peniche como de qualquer outra parte, e d'onde não saíam sem terem mettido na barriga, pelo menos, a importancia d'um fôgo de pessimas bombas, aticado á porta no meio do esfusiar constante da foguetaria!

Hoje não ha bacalhao, por causa da peste no Porto; as batatas teem molestia; os nabos já não teem cabeça; o vinho—ó Deuses immortaes!—desde que os vendeiros aprenderam chimica, ninguem sabe de que elle é

feito; e o dinheiro está caro por causa do agio...

Porisso, as festas já não são o que eram. Não ha o entusiasmo de outros tempos, e a festa dos ramos, unica no nosso paiz, vae perdendo o caracter primitivo que lhe conquistou fama, essa fama que hoje vemos prestes a extinguir-se.

Mas, francamente, o defeito não é do mal das batatas, nem da qualidade do vinho; é da qualidade dos mordômos.

Sulfatem-n'os!

JUSTIÇA DE CAFRES

Meu amigo e senhor.

Lookfly ou Cocabichinhos era um homemsinho, um pequenino, um miudinho, um myopesinho, buço de gata e pé de fada, o que se chama, enfim, o *petit-maitre*.

Pois era esse homem um dos compadres mais queridos do juiz. Que tratante e que bruto de juiz! Nem nós chegámos nunca a saber o que sobrelevava mais no magistrado, se era a estupidez se era a tratantice. E chegara a passar por intelligente!

Era um homem de compadres, meu amigo. Tinha varios compadres. E a justiça era toda feita ao sabor d'esses compadres, audaciosamente, cynicamente, sem respeito pela opinião do mundo nem pela opinião dos proprios pares. Estes desfaziam-lhe as sentenças? Era o mesmo. Se era preciso no dia seguinte servir o compadre Fuão com outra sentença disparatada ou iniqua, dava-se a sentença.

Abençoados boers, que vão pôr aquillo a direito!

E note você, amigo, que o resto dos funcionarios da justiça era gente regular ou mesmo boa. Mas tão grande é a influencia do mando, que bastava aquelle para destruir todo o mecanismo judicial.

Era lindo mas era vér a chance de Cocabichinhos. Elle já era repetenado no andar, atiradiço nos conceitos, presumpçoso nos habitos e grave nas falas. Mas depois que o seu compadre Mister Animaloides passou a dar sentenças como elle pretendia, deitou saltos nas botas de vinte centímetros de altura.

E comprou uns oculos de crystal de rocha para vér melhor, para não tornar a ser o Cocabichinhos.

Que lindo, que lindo! Mas hei de tornar a falar, se v. der licença, no Mister Animaloides e no seu Cocabichinhos.

Até á primeira.

JOÃO MULURIA.

oruzando as lanças entre elles, os não tivessem obrigado a separarem-se. O cavalleiro «Desamparado» voltou para o seu primeiro posto, e Bois-Guilbert para á sua tenda, onde ficou o resto do dia entregue a um profundo desespero.

Sem se apaar do cavallo, o vencedor pediu uma taça de vinho e, levantando a viseira do capacete, declarou que bebia «a todos os corações verdadeiramente inglezes e á confusão dos tyrannos estrangeiros.» Depois ordenou ao seu trombeta que tocasse um desafio aos mantenedores e encarregou um arauto de ir prevenil-os de que não queria escolher, mas combateria na ordem em que lhes aprouvesse apresentarem-se.

O gigantesco Testa-de-Boi, coberto de uma armadura preta, foi o primeiro que desceu á arena. O

ARMAZENS

DA BEIRA-MAR

DE MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escritorio.

Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flóres artificiaes e coróas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhãs, e sêneas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

BARRA — PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambêa, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal biscoito d'Aveiro,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, aromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro tipo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas de o srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

BOM EMPREGO DE CAPITAL

QUEM pretender comprar a quinta do Torreão, proximo de Verdemilho, a dois kilometros de Aveiro e que margina com o esteiro e malhada de S. Pedro das Aradas, dirija-se a Manes Nogueira ou José Gonçalves Gamellas.

A venda será feita em globo ou em lotes, facultando-se o pagamento para mais tarde, mediante o respectivo juro.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE João Pedro Ferreira AOS BALCÕES — AVEIRO

N'ESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

Hotel Cysne Boa-Vista

AVEIRO

Recommenda-se pelo acceio e seriedade com que se trata

Excellente serviço de meza

ATELIER DE ALFAETERIA

Joaquim Ferreira Martins (O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa a Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho.

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio café era de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello Champagne.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escritorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

SAPATARIA AVEIRENSE

DE Marques d'Almeida & Irmão AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se a venda o apreciado Vinho de Bucellas importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

Vinho de Collares — Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende cada garrafa a 120 réis.

TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CHRISTO

Rua da Alfandega

TYPOGRAPHIA

DO POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc. etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó, vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento, sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO